

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## REPRESENTAÇÕES E CONSIDERAÇÕES SOBRE MULHERES E GÊNERO NOS PANFLETOS DE GERRARD WINSTANLEY E DOS *DIGGERS* (1648- 1652).

Lívia Bernardes Roberge  
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG  
Pesquisadora Visitante da Universidade de Sheffield  
Bolsista CAPES e CAPES/Print  
liv.roberge@gmail.com

### RESUMO

O presente artigo trata de como as relações de gênero foram abordadas e representadas em panfletos associados a Gerrard Winstanley e aos *Diggers*, publicados entre 1648 e 1652, em meio ao contexto inglês das Guerras dos Três Reinos (1640-1660). Ativos participantes nas “guerras panfletárias” que marcaram o período, o grupo fez uso dos impressos para compartilharem suas perspectivas sobre uma grande variedade de temas, abordando questões como a reestruturação da sociedade inglesa a partir da abolição da propriedade da terra, do trabalho jornalheiro, da igreja institucionalizada, e da implementação de uma *commonwealth* amparada em novas leis e infraestrutura. Dentro deste escopo, o lugar das mulheres na sociedade e na religião, a interpretação Winstanleana sobre a queda do homem e o papel de Eva, a natureza do casamento e as relações entre os gêneros são também abordados, ainda que tenham sido relativamente pouco explorados do ponto de vista da historiografia especializada. Portanto, propomos traçar uma análise de como temáticas relacionadas às mulheres e às relações de gênero foram abordadas nesses panfletos, procurando entender como questões associadas às mulheres e ao amplo espectro da “feminilidade” foram representadas em seus escritos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Diggers; mulheres; Inglaterra.

### INTRODUÇÃO

Dentro do escopo da história moderna inglesa, o contexto das Guerras dos Três Reinos (1640-1660) hoje ocupa um lugar de destaque, para diversas pesquisadoras e pesquisadores, no que tange transformações culturais que afetaram o modo como os sujeitos se relacionavam com o meio social e, mais largamente, com o contexto de crise que Inglaterra, Irlanda e Escócia viveram durante o tumultuoso século XVII.

As “guerras panfletárias” (Holstun, 1992) que marcaram o período promoveram disputas de ideias e de visões de mundo, além da circulação de opiniões diversas sobre o que acontecia nos cenários inglês, escocês e irlandês. Devido à dimensão da instabilidade política, além do peso (tanto emocional quanto material) que as guerras tiveram sobre aqueles sujeitos, este também pode ser considerado como um período de profunda

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

ansiedade, onde medos e apreensões tomavam forma na ampla disseminação impressa de crenças apocalípticas, na proliferação do medo das bruxas, como também na divulgação de relatos fantásticos sobre nascimentos monstruosos e peixes gigantes; tentativas de denotar sentido a um mundo que se encontrava de ponta cabeça (BRADDICK, 2008). Foi também o contexto que possibilitou o surgimento da imprensa periódica na Inglaterra,<sup>1</sup> e da publicação de utopias contendo críticas e projetos velados, como foi o caso da *Oceana* (1656), de James Harrington, e de “Um Programa para a Lei da Liberdade” (*The Law of Freedom in a Platform*, 1652), de Gerrard Winstanley.

Outra característica do período que vem sendo enfatizada pela historiografia, a partir de diferentes perspectivas, desde pelo menos a década de 1960, é a forma como os impressos alargaram a possibilidade de engajamento e mobilização na/da esfera pública da época. Estudiosos como Peter Lake e Steve Pincus (2007; 2006) vêm caracterizando o século XVII inglês como aquele da ascensão de uma esfera pública, ainda que não ao estilo de Jürgen Habermas. Os autores enfatizam que os conflitos que engolfaram Inglaterra, Escócia e Irlanda foram “guerras de palavras bem como de armas”<sup>2</sup> (LAKE; PINCUS, 2006, p. 279). Tal dimensão dos conflitos abarcou a participação de sujeitos frequentemente alocados à margem dessa esfera pública, como os “sujeitos medianos” (*the middling sort*) e, justamente, as mulheres.

Seja como peticionárias como Elizabeth Lilburne, pregadoras como Anna Trapnell, profetizas como Eleanor Douglas, escritoras como Jane Cavendish ou mesmo livreiras e impressoras como Hannah Allen, o contexto de crise do século XVII inglês proporcionou a certas mulheres a busca por novas formas de protagonismo. Entretanto, este aumento da presença feminina na esfera pública não passou despercebido pelos debates do período. Thomas Edwards, por exemplo, em *Gangraena* (1646), relacionou o aparecimento de mulheres pregadoras como um sintoma do total colapso da ordem tanto doméstica quanto pública (EDWARDS, 1646, p. B).

A temática também encontrou espaço nas páginas de panfletos de grupos dissidentes, radicais, como foi o caso do grupo associado a Gerrard Winstanley, os *Diggers* – “cavadores”, em português. Estudos que se propõem a analisar os *Diggers*

---

<sup>1</sup> A publicação do primeiro periódico semanal inglês impresso na Inglaterra data de 1642, ano de início dos conflitos bélicos entre o rei Charles I e o Parlamento (RAYMOND, 2005).

<sup>2</sup> Tradução livre da autora: “These were wars of words as well as of guns”.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

levando em conta questões de gênero são extremamente escassos, merecendo destaque os trabalhos de Elaine Hobby (2000), Sarah Apetrei (2014) e Ann Hughes (2012), que estão entre as poucas que se voltaram ao tema. Dito isso, a presente comunicação se propõe a explorar as formas como as relações de gênero e o papel das mulheres na sociedade foram representados nos panfletos associados a Winstanley e aos *Diggers*, que possuíram uma prolífica atuação impressa entre 1648 e 1652.

## AS MULHERES DA VIDA DE GERRARD WINSTANLEY

Os escritos de Winstanley eram ambíguos com relação às mulheres; [...]. Entretanto, em muitos momentos da vida de Winstanley, relacionamentos com mulheres tiveram impactos cruciais. Ele chegou à idade adulta como aprendiz de uma jovem viúva em um ambiente doméstico pequeno e íntimo; ele teve um encontro tenso com a notória profetisa Lady Eleanor Douglas; e sua intermitente e sempre precária prosperidade foi conquistada através das famílias de suas esposas. (CORNS; HUGHES; LOEWENSTEIN, 2009, p. 24).<sup>3</sup>

Antes de pautarmos especificamente as formas como questões relativas às mulheres e ao gênero figuraram na produção impressa associada a Gerrard Winstanley e aos *Diggers*, pensamos ser relevante nos atentarmos brevemente às mulheres que permearam a vida de Winstanley, outro tópico bastante pouco explorado em estudos sobre ele e os *Diggers*. O foco em Winstanley se dá pelo fato de ele ter sido o principal “porta-voz”, por assim dizer, dos *Diggers*, tendo sido identificado pelas autoridades da *Commonwealth* como um dos líderes do grupo que promoveu a ocupação da Colina de São Jorge em abril de 1649, juntamente com William Everard (GLADMAN, 1649, p. 211). Além disso, Winstanley teve uma importante produção impressa antes de seu envolvimento com os *Diggers*, e é acordado por vários autores e autoras que os panfletos religiosos publicados por ele entre 1648 e 1649 formaram a base, de certa forma, para a edificação do que viria a ser o conjunto de ideias e práticas que caracterizariam a atuação dos *Diggers* entre 1649 e 1652.<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> Trad. livre da autora: “Winstanley’s writings were ambiguous about women; [...]. At many points in Winstanley’s life, however, relationships with women had a crucial impact. He came to adulthood as apprentice to a young widow in a small, intimate household; he had a fraught encounter with the notorious female prophet Lady Eleanor Douglas; and his intermittent and always precarious prosperity was achieved through the families of his two wives”.

<sup>4</sup> Os panfletos publicados por Winstanley antes de seu envolvimento com os *Diggers* foram: *The Braking of the Day of God* (1648); *The Mysterie of God, Concerning the Whole Creation, Mankinde* (1648); *The Saints Paradise* (1648); *Truth Lifting up his head above Scandals* (1649); e *The New Law of Righteousness*

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Entre 1630 e 1638, Winstanley foi aprendiz de Sarah Gater, uma viúva que após a morte do marido, deu continuidade à sua loja de alfaiataria em Londres. No testamento de Sarah, constavam diversos títulos indicativos de que ela teria sido uma mulher intelectualmente ativa, possuindo diversos livros sobre medicina e arminianismo, por exemplo, ainda que não dentro de uma vertente heterodoxa ou radical (SMITH, 2000, p. 52). Um notório detalhe, entretanto, é o de que Winstanley foi o único dos antigos aprendizes de Sarah a não ser lembrado em seu testamento, enquanto a outros ela deixou em testamento alguns de seus livros. Não há qualquer evidência de que Winstanley e Sarah tenham mantido qualquer tipo de contato após Winstanley ter se tornado um *freeman* da *Merchant Taylor's Company* em 1638 (CORNS; HUGHES; LOEWENSTEIN, 2009, p. 2-3). Pode-se evidenciar, portanto, que Winstanley teve um contato bastante direto com as possibilidades que podiam ser desfrutadas por uma mulher viúva na Inglaterra das décadas de 1630 e 1640: neste período, mulheres viúvas tinham direito a alguma propriedade, bem como à guarda de seus filhos, podendo também herdar os negócios de seus maridos e dar continuidade ao ofício, tal como foi feito por Sarah Gater e Hannah Allen, por exemplo (HOBBY, 2000, p. 61-62). Entretanto, conforme abordaremos com mais detalhes adiante, as considerações feitas por Winstanley a respeito da viuvez feminina em seu último panfleto, a utopia *Um Programa para a Lei da Liberdade (The Law of Freedom in a Platform)*, de 1652, vão no sentido oposto ao de estabelecer independências e agências às mulheres viúvas, estabelecendo, por exemplo, que no caso de morte paterna, a tutela das crianças e as responsabilidades pela família passam a outros homens da mesma organização comercial que o falecido pai (WINSTANLEY, 1652, p. 326). É evidente que devido à escassez de fontes, a influência que a convivência com Sarah Gater pode ter tido na vida de Winstanley, e em suas

---

(1649). Já os panfletos publicados após o envolvimento de Winstanley com os *Diggers* e que o alocam dentre os signatários e/ou lhe atribuem autoria (seja esta única ou coletiva), foram: *A Declaration to the Powers of England* (1649); *A Declaration from the Poor Oppressed People of England* (1649); *A Letter to the Lord Fairfax, and his Councell of War* (1649); *A Declaration of the Bloudie and Unchristian Acting of William Star and John Taylor* (1649); *An Appeal to the House of Commons* (1649); *A Watch-Word to The City of London, and the Armie*. (1649); *A New-yeers Gift for the Parliament and Armie* (1650); *Englands Spirit Unfoulded* (1650); *Fire in the Bush* (1650); *A Vindication of those, whose endeavours is Only to Make the Earth a Common Treasury, Called Diggers* (1650); *An Appeale to All Englishmen* (1650); *An Humble Request to the Ministers of both Universities, and to All Lawyers in Every Inns-a-Court* (1650); *The Law of Freedom in a Platform* (1652).

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

formulações tais como essa a respeito da viuvez, só podem ser cotejadas de forma especulativa.

Em seguida temos as esposas de Winstanley: Susan King e Elizabeth Standley. Ainda que fontes indicativas das trajetórias individuais destas mulheres, bem como de suas características particulares, sejam extremamente escassas, o casamento com elas desempenhou um papel de extrema importância na vida de Winstanley. Em setembro de 1640, Winstanley se casou com Susan King, filha do cirurgião William King e da parteira Susan King (GURNEY, 2007, p. 67-69). Após seu negócio em Londres ter ido à falência, Winstanley e Susan se mudaram para Cobham em 1643, onde a família de Susan possuía algumas propriedades. Foi graças ao apoio da família da esposa que Winstanley teve a oportunidade de tentar reconstruir sua vida no campo, ainda que suas primeiras tentativas tenham se provado infrutíferas, o que o levou à produção de tratados teológicos e políticos em 1648, e ao envolvimento com os *Diggers* em 1649 (GURNEY, 2007, p. 71-74). Menções ao seu casamento ou à sua esposa não aparecem em fontes associadas a Winstanley ou aos *Diggers* entre 1649 e 1652, período em que o grupo esteve ativo. Diferentemente de Elizabeth Lilburne, esposa do Leveller John Lilburne, que possuiu uma notória atuação peticionária em prol das causas do marido, não há registros que comprovem sequer que Susan participou da empreitada *Digger* na colina de São Jorge em 1649. Em 1664, após a morte de Susan, Winstanley casou-se pela segunda vez com a jovem Elizabeth Standley. Juntos eles tiveram três filhos, Jerrard, Elizabeth e Clement (CORNS; HUGHES; LOEWENSTEIN, 2009, p. 19).

Por fim, temos o conflituoso encontro de Winstanley com a autoproclamada profetisa Lady Eleanor Davis.<sup>5</sup> Apesar das desaprovações de seus dois maridos a respeito de suas supostas profecias e de seus escritos, Lady Eleanor Davis ganhou breve notoriedade na corte inglesa na década de 1620. Entretanto, após ter previsto o assassinato

---

<sup>5</sup> Seu nome de solteira era Eleanor Touchet. Em 1609, casou-se com Sir John Davies, passando a se chamar Lady Eleanor Davies. Após a morte de seu marido, ela se casou com Sir Archibald Douglas em 1627, adotando então Lady Eleanor Douglas. Entretanto, Diane Watt indica que ela intercambiava os usos de “Douglas”, “Davies”, e até mesmo “Audeley” – título de seu pai, George Touchet, XI Barão de Audley. Watt aponta que Lady Eleanor “era fluida no uso dos nomes atribuídos a ela através do nascimento e do casamento, empregando-os em panfletos e petições de acordo com o contexto e com a identidade que ela estava apresentando” (WATT, 2004). Trad. livre da autora: “She was to be fluid in the use of the names which birth and marriage gave her, deploying them in pamphlet and petition according to context and the identity she was presenting”.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

do favorito de Charles I, o Duque de Buckingham, morto em 1628, Davis ganhou o desafeto do rei e foi inclusive condenada a certos períodos de aprisionamento e mesmo internação no asilo de Bedlam. Ainda assim, ela teve uma profícua produção panfletária durante sua vida, especialmente durante a década de 1640, tendo cerca de 70 panfletos atribuídos a ela (WATT, 2004). Davis parece ter tido uma trajetória um tanto quanto litigiosa, não apenas por ter travado inúmeras batalhas legais referentes às suas propriedades, mas também por aparentar ter tido certa fama de má pagadora, como pode ser percebido na carta escrita a ela por Gerrard Winstanley em dezembro de 1650 (HARDARE, 1958, p. 348-349)<sup>6</sup>. Em 1650, após as ocupações *Digger* na Colina de São Jorge e em Little Heath terem sido desarticuladas por ataques locais, Lady Eleanor Davis contratou os *Diggers* para trabalharem em suas terras em Hertfordshire entre os meses de agosto e dezembro. Em uma carta datada de 4 de dezembro de 1650, endereçada a Lady Eleanor, Winstanley reforça em detalhes todo o trabalho empreendido pelos *Diggers* em suas plantações de trigo, solicitando o pagamento que lhes é devido (HARDARE, 1958). Na carta, Winstanley questiona a autopromoção de Davis de que ela seria a nova Melquisedeque, indagando o porquê de o rei da justiça e da paz ter tantos homens batendo-lhe na porta cobrando dinheiro que lhes era justamente devido (HARDARE, 1958, 348). Não há fontes que demonstrem alguma resposta da parte de Lady Eleanor, ou que esclareçam se ela eventualmente quitou suas dívidas com os *Diggers*. Até o final de sua vida, Lady Eleanor Davis seguiu enfrentando diversas querelas do tipo, por vezes alegando ser destituída e por isso não podendo arcar com suas dívidas, tendo contado com ajuda financeira de sua filha até sua morte, em julho de 1652 (WATT, 2004).

### REPRESENTAÇÕES FEMININAS NOS PANFLETOS *DIGGER*: DA PROSTITUTA DA BABILÔNIA À MÃE TERRA

A partir de agora, nos centraremos sobre as representações e considerações referentes às mulheres e às relações de gênero nos panfletos publicados por Winstanley e pelos *Diggers* entre 1648 e 1652. No panfleto “A Nova Lei da Justiça” (*The New Law of*

---

<sup>6</sup> A carta enviada por Gerrard Winstanley à Lady Eleanor Douglas em dezembro de 1650 encontra-se preservada no acervo da Huntington Library, em San Marino, Estados Unidos, sob identificação “Hastings MSS, HA 138114”. Em 1958 Paul Hardacre publicou uma transcrição da carta com comentários no periódico *Huntington Library Quarterly* (HARDACRE, 1958).

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

*Righteousness*), publicado no início do ano de 1649, Winstanley caracterizou os turbulentos e “corrompidos” tempos que a Inglaterra vivia em linhas bastante agostinianas:

Em tempos passados e no presente, a humanidade tem se comportado como bestas ou porcos; E ainda que eles tenham chamado um ao outro de homem e mulher, na verdade eles têm sido meras sobras de homens e mulheres. Da mesma forma que a Lua é a sombra do sol, eles foram guiados pelos poderes da maldição da carne, que é a parte *Feminina*, e não pelo poder do espírito justo de Jesus, que é o poder *Masculino*.<sup>7</sup> (WINSTANLEY, 1649a, p. 479-480).

A associação do feminino à “maldição da carne” é algo consideravelmente esperado do pensamento de um homem inglês do século XVII, tendo em vista a centralidade das oposições entre masculino e feminino para a estruturação de tal sociedade. Robert Muchembled (2001) demonstrou como, no Período Moderno, o processo de recrudescimento da ordem encontrou-se profundamente ligado ao reforço da dominação patriarcal. A estrutura familiar operava como uma projeção, em menor escala, da própria estrutura dos Estados Nacionais nascentes, com os monarcas promovendo o movimento de centralização dos poderes nos aparatos de estado, de modo similar ao modo como a ordem no âmbito familiar era reforçada na figura do patriarca. Pierre Bourdieu (2002), por sua vez, reforçou tal percepção acerca da edificação da lógica patriarcal moderna a partir da demonstração de como a dominação masculina reverbera, no campo do simbólico, na estruturação e fortalecimento de todas as demais relações sociais que envolvem hierarquização e dominação. O poder simbólico, portanto, em suas diversas manifestações, como religião e literatura, ordena e estrutura as sociedades. Nesse sentido, a produção de Winstanley, bem como sua passagem acima destacada, simultaneamente era estruturada pelo imperativo da lógica patriarcal, enquanto reforçava tal imperativo.

Contudo, à medida em que Winstanley desenvolve e nos apresenta sua interpretação sobre a Queda e o Pecado Original, encontramos uma perspectiva que aloca a centralidade da Queda não tanto na figura de Eva, mas sim na de Adão (WINSTANLEY, 1649a). Evidentemente, a relevância do papel desempenhado por Adão

---

<sup>7</sup> Trad. livre da autora: “That in times past and times present, the branches of mankind have acted like the beast or swine; And though they have called one another, men and women, yet they have been but the shadows of men and women. As the Moone is the shadow of the Sun, in regard they have been led by the powers of the curse in flesh, which is the *Feminine* part; not by the power of the righteous Spirit which is Christ, the *Masculine* power”.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

não é uma característica exclusiva do pensamento de Winstanley: sendo Adão o ser superior, feito à imagem divina, sua fraqueza deve ser mais responsabilizada e repreendida do que aquela de Eva, cuja natureza a torna inevitavelmente propensa ao erro e à fraqueza moral. Winstanley escreve a partir da centralidade da experiência masculina (HOBBY, 2000, p. 67), e aqui é importante mencionar a característica de suas interpretações metafóricas sobre passagens bíblicas,<sup>8</sup> e mesmo alocando tal centralidade em Adão, no mesmo panfleto Winstanley urge seus conterrâneos a tomarem responsabilidade por suas falhas e ações, e pararem de alocarem a culpa por seus erros em um “homem chamado Adão, que desobedeceu há 6000 anos atrás, [...] ao comer uma maçã” (WINSTANLEY, 1649a, p. 499)<sup>9</sup>. Quando comparado aos demais escritos contemporâneos, os textos de Winstanley e dos *Diggers* ao promover tal eclipse da participação de Eva, acabam por não reproduzir a prática corrente de culpabilizar as mulheres pela Queda, e não insistem em sua conseqüente subordinação em razão disso.

A única outra utilização de um arquétipo feminino de forma explicitamente negativa, é a mobilização da figura da Prostituta da Babilônia para caracterizar o poder régio, a compra e a venda da terra, e os demais males que afetam a Inglaterra seiscentista (WINSTANLEY, 1648a, p. 135). Mas Winstanley de modo algum mobiliza apenas representações do feminino para referenciar os “vícios” que, em seu entendimento, assolavam o mundo e a humanidade: o intercâmbio entre o masculino e o feminino para tal função é intenso, como pode-se verificar na seguinte passagem de “O Paraíso dos Santos” (*The Saints Paradise*, 1648):

Pois agora está aberto o poço sem fundo, isto é, a Maldição, ou serpente em carne humana, é solto, para agir, e mostrar a si mesmo em sua própria semelhança, e isso faz com que ele se manifeste como o poder da escuridão, o

---

<sup>8</sup> Uma característica importante dos escritos de Winstanley e dos *Diggers* é a forma como passagens e personagens bíblicos eram utilizados de forma bastante metafórica, figurada, e não literais. Similar ao que mencionamos sobre sua mobilização da passagem da Queda e da figura de Adão, Winstanley interpretava a ressurreição de Cristo não como uma *ressurreição*, de fato, mas sim em uma ascensão do espírito da Razão dentro dos homens e das mulheres. Outras figuras bíblicas, como o Dragão e os Irmãos Mais Velhos também são mobilizados com fins similares, sendo utilizados para caracterizar, por exemplo, aqueles que exploram (irmãos mais velhos), e aqueles que eram explorados (irmãos mais novos), em alusão às histórias bíblicas de Esaú e Jacó, e Ismael e Isaac.

<sup>9</sup> Trad. livre da autora: “That a man called *Adam*, that disobeyed about 6000 years ago, [...] by eating an apple”.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

pai das mentiras, o inimigo do Pai, e a Prostituta, a Besta e a mãe de todas as abominações. (WINSTANLEY, 1648b, p. 370).<sup>10</sup>

Com relação ao comportamento sexual feminino, Winstanley também se absteve de comentar sobre a imoralidade sexual feminina, voltando-se à condenação dos excessos do comportamento masculino. Ele não reservou às mulheres a amálgama de “putas” (*whores*), por exemplo, ao buscar desassociar os *Diggers* dos *Ranters*<sup>11</sup>, grupo que era associado à promoção da “comunidade de todas as coisas”, inclusive de mulheres<sup>12</sup> (CAVAILLÉ, 2016, p. 53):

Da mesma forma, eles relatam que nós, os *Diggers*, adotamos a comunidade de mulheres e vivemos na bestialidade: De minha parte, declaro contra isso; O que eu afirmo ser verdade é isto, Que a terra deve ser um Tesouro comum a todos; mas, quanto às mulheres: *Deixe que cada homem tenha sua própria esposa, e cada mulher seu próprio marido*; e não conheço nenhum dos *Diggers* que atuam em tão irracional excesso de comunidade feminina [...]. (WINSTANLEY, 1650b, p. 121-122).<sup>13</sup>

---

<sup>10</sup> Trad. livre da autora: “For now the bottomlesse pit is opened, that is, The curse, or serpent in humane flesh is let loose, to act, and shew it self in his own likeness, and it makes himself manifest to be the power of darkness, the father of lies, the enemy of the Father, and the Whore, the Beast and mother of all abominations”.

<sup>11</sup> Há um debate historiográfico sobre se os *Ranters*, outro suposto grupo dissidente que atuou durante o período das Guerras dos Três Reinos, de fato existiu. J. C. Davis (1990) era um exemplo daqueles que defendiam que os *Ranters* não passaram de mais um episódio do sensacionalismo impresso que encontrava espaço para crescer nas mentes fertilizadas pelos medos e ansiedades dos ingleses e inglesas das décadas de 1640 e 1650... Outros, como Michael Braddick (2008, p. 176), defendem a abordagem de que independente de sua existência enquanto “grupo” atuante ou não, a própria crença e, mais além, medo dos *Ranters* tem muito a nos dizer sobre o contexto em si. Em linhas gerais, os *Ranters* foram grupos anticlericais, que também não acreditavam na autoridade espiritual da Bíblia, e que defendiam questões como o divórcio, o panteísmo, o antinomianismo, rejeitando a ideia de pecado e pregando uma série de “liberdades” de cunho sexual. Seus adversários, como Gerrard Winstanley, os condenavam pelos seus “excessos” nos prazeres da carne e do álcool (WINSTANLEY, 1650b). Dentre os nomes associados aos *Ranters*, destacam-se Abiezer Coppe e Laurence Clarkson.

<sup>12</sup> A defesa realizada pelos *Diggers* em prol do uso coletivo da terra era fortemente associada à teoria da comunidade de bens no século XVII na Inglaterra. Outros grupos, como o dos *Levellers* (“niveladores”), que, apesar de absolutamente não defenderem qualquer tipo de abolição da ideia de propriedade, defendiam um alargamento das liberdades e direitos de nascença aos homens ingleses (como, por exemplo, uma extensão do sufrágio masculino), também eram acusados de estarem promovendo ideias voltados à comunidade de bens. Jean-Pierre Cavillé (2016) caracteriza que o tópico da teoria da comunidade de bens era um tema “inaceitável” durante o período das Guerras dos Três Reinos na Inglaterra, levando a associações e conotações negativas por parte do “público”, levando críticos contemporâneos a perseguir “inimigos imaginários” (CAVAILLÉ, 2016, p. 41), tal como a ideia da comunidade de mulheres, por exemplo.

<sup>13</sup> Trad. livre da autora: “Likewise they report, that we *Diggers* hold women to be common, and live int hat bestialnesse: For my part, I declare against it; I own this to be a truth, That the earth ought to be a common Treasury to all; but as for women, *Let every man have his own wife, and every woman her own husband*; and I know none of the *Diggers* that act in such an unrationall excesse of female comunitie [...]”.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

No lugar disso, Winstanley adotava um tom cauteloso, alertando as mulheres sobre os males e dificuldades que as aguardariam caso viessem a gerar filhos desses homens *ranter*s, pois eles não eram confiáveis e certamente abandonariam as grávidas sozinhas à própria sorte (WINSTANLEY, 1650a, p. 167). Inclusive, ao estipular as leis sobre o casamento em sua utopia “Um Programa para a Lei da Liberdade”, Winstanley estipula que se um homem e uma mulher tiverem relações sexuais sem serem casados, e ela venha a engravidar, a lei obriga o homem a se casar com a mulher (WINSTANLEY, 1652, p. 377). Ao invés de focar na figura da mulher como sedutora ou promíscua, Winstanley alertava de modo geral sobre os males que a prática sexual em excesso poderia ter para o corpo social, alegando que o “desperdício da semente masculina” (WINSTANLEY, 1650b, p. 236) geraria crianças mais fracas, propensas a doenças, o que as tornariam um fardo para as mães, além de também levar as mulheres a sofrerem muito mais na hora do parto (WINSTANLEY, 1650b, p. 236-237).

Representações em torno da figura da mãe e da maternidade, de forma específica, foram mobilizadas extensamente nesses panfletos para caracterizarem aquilo pelo que os *Diggers* mais lutavam: a Terra. Em seus panfletos, a terra é sempre descrita e caracterizada dentro de certo ideal convencional de maternidade, como evidenciado no panfleto “Uma Declaração aos Poderes da Inglaterra” (*A Declaration to the Powers of England*), de 1649:

E assim honrarás teu Pai e tua Mãe: Teu Pai, que é o Espírito da Comunidade, que fez tudo e que habita em todos. Tua Mãe, que é a Terra, que nos gerou a todos: Que como uma verdadeira Mãe, ama todos os seus Filhos. Portanto, não impeça a Mãe Terra de dar de mamar a seus Filhos, ao cercá-la em mãos particulares, e deter aquela amaldiçoada Escravidão do Cercamento pelo teu Poder. (WINSTANLEY, 1649b, p. 18).<sup>14</sup>

Em seus panfletos, Winstanley diversas vezes trata os cercamentos e a existência de propriedade de forma análoga a uma violação dessa Mãe Terra. É seguindo esta mesma lógica que Winstanley aborda talvez o ponto mais surpreendentemente revolucionário, de certa forma, no que se refere às mulheres: seu entendimento sobre o crime de estupro. Na Inglaterra seiscentista, o estupro era percebido não como um crime contra a mulher

---

<sup>14</sup> Trad. livre da autora: And hereby thou wilt *Honour thy Father, and thy Mother*: Thy Father, which is the Spirit of Community, that made all, and that dwells in all. Thy Mother, which is the Earth, that brought us all forth: That as a true Mother, loves all her Children. Therefore do not thou hinder the Mother Earth, from giving her Children suck, by thy inclosing it into particular hands, and holding up that cursed Bondage of Inclosure by thy Power.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

especificamente, mas sim contra seu pai ou seu marido – a lei inglesa previa recursos legais ao marido e ao pai, por serem os ofendidos com o crime, e não à mulher (HOBBY, 2000, p. 64-65). Já Winstanley caracteriza o estupro como um “roubo da liberdade corporal de uma mulher”, comparando-o, justamente, com a violação da terra:

Se um homem se deitar à força com uma mulher e ela gritar e não der consentimento; se isso for provado por duas Testemunhas, ou pela confissão do homem, ele deverá ser condenado à morte e a mulher libertada; isso é o roubo da Liberdade corporal da mulher (WINSTANLEY, 1652, p. 378).<sup>15</sup>

Winstanley reconhece, portanto, a violação do corpo feminino como um atentado à integridade da própria mulher. Neste ponto, Winstanley se afasta da linha de raciocínio convencional sobre mulheres e estupro, bem como da interpretação bíblica do crime como uma ofensa ao pai/marido, e não como um crime contra a mulher, como consta em Deuteronômio.

## O LUGAL DA MULHER NA SOCIEDADE IDEAL WINSTANLEANA

Outra questão importante de nos atentarmos ao abordarmos as questões de gênero nos panfletos *Diggers*, é o fato de que seus discursos, *Digger* parece ser uma representação que se aplica exclusivamente ao masculino. Elaine Hobby foi a primeira estudiosa a chamar atenção para tal questão (HOBBY, 2000, p. 68). Notemos, por exemplo, que na passagem destacada anteriormente, onde Winstanley abordou o assunto da comunidade de mulheres, o que ele diz é que ele não conhece “nenhum dos *Diggers* que atuam em tão irracional excesso de comunidade feminina [...]. (WINSTANLEY, 1650b, p. 122).<sup>16</sup> Ou seja, os *Diggers* são os *homens*, e não necessariamente todas as pessoas presentes e trabalhando nas ocupações – que contavam com mulheres e crianças. Também não foram “famílias *Digger*” que foram expulsas da Colina de São Jorge, mas sim “os *Diggers* com suas esposas e filhos” foram expulsos de suas casas (WINSTANLEY, 1650c, p. 269). Até o aparecimento dos *Diggers* na Colina de São Jorge, *Digger* era um termo mobilizado para representar um trabalhador rural, e ao longo do século XVII, foi também uma representação associada a protestos rurais contra

---

<sup>15</sup> Trad. livre da autora: If a man lie with a woman forcibly, and she cry out, and give no consent; if this be proved by two Witnesses, or the mans confession, he shall be put to death, and the woman let go free; it is robbery of womans bodily Freedom.

<sup>16</sup> Trad. livre da autora: “I know none of the *Diggers* that act in such an unrationall excesse of female comunitie [...]”.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

políticas de cercamento e despovoamento no campo inglês. A partir de 1649, Gerrard Winstanley e seus companheiros disputaram uma terceira via de sentido para *Digger*, que representasse aqueles que lutavam pelo uso livre da terra por todos.<sup>17</sup> Detalhes de exclusão na linguagem que acabam por apontar algo maior: mesmo estando presentes nos acampamentos e contribuindo com o trabalho nas ocupações, estas mulheres não eram *Diggers*. Dentro da representação disputada e construída por eles, não havia espaço para as mulheres que atuaram em prol da libertação da terra. Além disso, nos panfletos associados ao grupo, não são identificados quaisquer nomes femininos entre as assinaturas.

Por fim, abordaremos brevemente o papel destinado às mulheres no último panfleto associado a Winstanley, “Um Programa Para a Lei da Liberdade”, alegadamente escrito em 1649, mas publicado apenas em 1652. Este último panfleto difere consideravelmente dos anteriores associados a Winstanley e aos *Diggers* devido à sua estruturação no formato de uma utopia.<sup>18</sup> Pela primeira vez, temos a oportunidade de vislumbrar como se organizaria essa sociedade pela qual Winstanley vinha lutando desde meados de 1648. Em uma quantidade extraordinária de detalhes, Winstanley descreveu uma sociedade que valoriza o trabalho rural e as relações de comunidade, em que o modelo familiar se encontra na base da organização de tal sociedade, e que conta com leis fortes para punir aqueles que atentarem contra o modo de vida da *Commonwealth* – inclusive leis previstas para punir especificamente o crime de estupro, como demonstramos acima.

A família seguindo o modelo patriarcal figurava no centro da estrutura da *Commonwealth* Winstanleana. A figura paterna é descrita como exercendo o papel de um Oficial da *Commonwealth* dentro do núcleo familiar (WINSTANLEY, 1652, p. 315; 321-322) – reforçando a ideia de Muchembled sobre a importância do reforço da autoridade masculina para o consequente fortalecimento do aparato estatal, seja este uma monarquia ou uma república. Ao pai, caberia a educação dos filhos, sendo sua responsabilidade garantir que as crianças cresçam “sábias e fortes”, além de ensinar-lhes a ler e a aprender línguas, artes e ciências, juntamente com os diversos tipos de ofício da *Commonwealth*

---

<sup>17</sup> Sobre as lutas de representação envolvendo *Digger*, bem como suas transformações de sentido ao longo do século XVII, ver: ROBERGE, 2017.

<sup>18</sup> Sobre este panfleto especificamente e sua natureza utópica, ver ROBERGE, 2021.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

(WINSTANLEY, 1652, p. 322). O casamento, por sua vez, é enfaticamente defendido como devendo se dar apenas por amor e afeto, e jamais por nascimento ou posição social (WINSTANLEY, 1652, p. 377). Conforme mencionado anteriormente, no advento do falecimento do marido, ou no caso dele ser incapacitado de cumprir suas funções como patriarca, diferentemente do que era usual na Inglaterra do século XVII, ao invés de permanecerem sob os cuidados e responsabilidade da viúva/mãe, a administração do lar e a responsabilidade pelos filhos passariam a um homem, ou homens, da mesma organização de ofício do falecido pai, extirpando a viúva de independência no manejo de sua família (WINSTANLEY, 1652, p. 326). O que, vale a pena mencionar, iria até mesmo de encontro com o que havia sido estabelecido já pela Magna Carta no século XIII, que previa certa independência às viúvas (JOHN, 2000, p. 2).

Tal como ocorre com Eva, a perspectiva da experiência masculina de Winstanley faz com que a mulher desapareça das páginas de sua utopia. Diferentemente do homem, do pai, nada é exposto sobre as responsabilidades específicas da mulher e/ou da mãe nesta sociedade, além do que foi até aqui exposto (notadamente, mulheres são mencionadas em ocasiões em que há o contraponto masculino – casamento, família, estupro, etc.). Winstanley aborda o papel do feminino de forma particular apenas ao versar sobre a educação de meninas, sobre a qual dispôs:

Todas as moças deverão ser treinadas na leitura, na costura, tricô, fiação de linho e lã, música e todos os demais trabalhos fáceis e limpos, seja para mobiliar depósitos comunais com panos de linho e lã, ou para o adorno de casas particulares com bordado. (WINSTANLEY, 1652, p. 357).<sup>19</sup>

Tal como tantos outros sujeitos do século XVII, Winstanley ainda não estava preparado para cotejar fornecer às mulheres uma posição de equidade com relação aos homens nas oportunidades educacionais.

## CONCLUSÃO

Diversos são os caminhos possíveis de serem explorados à/ao historiadora/o que se voltar aos escritos dos *Diggers* a partir da perspectiva do gênero. A presença das mulheres na esfera pública seiscentista na Inglaterra gerou comentários, apreensões e

---

<sup>19</sup> Trad. livre da autora: “[...] so all Maides shall be trained up in reading, sowing, knitting, spinning of Lynnen and Woollen, Musique, and all other easie neat works, either for to furnish Storehouses with Lynnen and Woollen cloth, or for the ornament of particular houses with needle work”.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

entusiasmos que, muitas vezes, se manifestaram através da escrita. Mesmo nos escritos de grupos e sujeitos que à primeira vista não pareçam se ocupar diretamente de questões relativas ao gênero, as inquietações acerca das estruturas familiares e o lugar social dos sexos se fazem presentes. Dessa forma, uma compreensão e caracterização da experiência *Digger* que não leve em consideração as questões de gênero estará, invariavelmente, condenada à incompletude.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APETREI, Sarah. ‘The Evill Masculine Powers’: Gender in the Thought of Gerrard Winstanley”. **Prose Studies**, v. 36, n. 1, p. 52-62, 2014

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRADDICK, Michael. Mobilisation, anxiety and creativity in England during the 1640s. In: MORROW, J.; SCOTT, J. (Eds.). **Liberty, Authority, Formality: political ideas and culture, 1600-1900**. Exeter: Imprint Academic, 2008. p. 175-93.

CAVAILLÉ, Jean-Pierre. Community of goods: an unacceptable radical theme at the time of the English revolution. In: CURELLY, L.; SMITH, N. (Eds.). **Radical voices, radical ways: Articulating and disseminating radicalism in seventeenth-and-eighteenth-century Britain**. Manchester: Manchester University Press. p. 41-59.

CORNS, Thomas N.; HUGHES, Ann; LOEWENSTEIN, David (Eds.). **The Complete Works of Gerrard Winstanley**. Vol. I. Oxford: Oxford University Press, 2009.

DAVIS, J. C. Fear, Myth and Furore: Reappraising the “Ranters”. **Past & Present**, n. 129, p. 79-103, 1990.

EDWARDS, Thomas. **The First and Second Part of Gangraena: or A Catalogue and Discovery of many of the Errors, Heresies, Blasphemies and pernicious Practices of the Sectaries of this time, vented and acted in England in these four last years**. London: Printed by T. R. and E. M. for Ralph Smith, at the sign of the Bible in Cornhill near the Royal Exchange, 1646.

GLADMAN, John. Captain John Gladman to Lord Fairfax, Kingston, April 19, 1649. In: FIRTH, C. H. (Ed.). **The Clarke Papers**. Selections from the Papers of William Clarke, Secretary to the Council of the Army, 1647-1649, and to the General Monck and the Commanders of the Army in Scotland, 1651-1660, Vol. 2. London: The Camden Society, 1901. Disponível em: [<https://oll.libertyfund.org/title/firth-the-clarke-papers-selections-from-the-papers-of-william-clarke-vol-2>]. Acesso em: 06 ago. 2021.

GURNEY, John. **Brave community**. The Digger Movement in the English Revolution. Manchester: Manchester University Press, 2007.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

HARDACRE, Paul. Gerrard Winstanley in 1650. **Huntington Library Quarterly**, v. 22, n. 1, p. 345-349, 1958.

HOBBY, Elaine. Winstanley, Women and the Family. In: BRADSTOCK, Andrew (Ed.). **Winstanley and the Diggers 1649-1999**. London: Frank Cass, 2000. p. 61-72.

HOLSTUN, James. **Pamphlet wars: prose in the English Revolution**. London: Frank Cass, 1992.

HUGHES, Ann. **Gender and the English Revolution**. Abingdon: Routledge, 2012.

JOHN, King. **Magna Carta, 1215**. Blacksburg: Virginia Tech, 2000.

LAKE, Peter; PINCUS, Steve. **The Politics of the Public Sphere in Early Modern England**. Manchester: Manchester University Press, 2007.

LAKE, Peter; PINCUS, Steve. Rethinking the Public Sphere in Early Modern England. **Journal of British Studies**, v. 45, p. 270-292, 2006.

MCDOWELL, Nicholas. **The English Radical Imagination**. Culture, Religion and Revolution, 1630-1660. Oxford: Clarendon Press, 2003.

MUCHEMBLED, Robert. **Uma história do Diabo, séculos XII-XX**. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2001.

RAYMOND, Joad. **The Invention of the Newspaper: English Newsbooks 1641-1649**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

ROBERGE, L. B. Da ruptura pela derrota à consagração de uma esperança: reflexões sobre *Um Programa para a Lei da Liberdade*, de Gerrard Winstanley (1652). In: LIEBEL, Silvia (Org.). **Das Utopias Modernas às Distopias Contemporâneas: Conceito, prática e representação**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2021.

ROBERGE, L. B. “O povo pobre e oprimido da Inglaterra”: Representações Diggers na Inglaterra Revolucionária (1607-1652). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - CONTRA OS PRECONCEITOS: HISTÓRIA E DEMOCRACIA, XXIX, 2017, Brasília. **Anais...2017**. p. 1-16. Disponível em: [[https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502847388\\_ARQUIVO\\_ArtigoFinalAnpuh.pdf](https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502847388_ARQUIVO_ArtigoFinalAnpuh.pdf)]. Acesso em: 8 ago. 2021.

SMITH, Nigel. Gerrard Winstanley and the Literature of Revolution. In: BRADSTOCK, Andrew (Ed.). **Winstanley and the Diggers 1649-1999**. London: Frank Cass, 2000. p. 47-60.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

WATT, Diane. Davies [*née* Touchet; *other married name* Douglas], Lady Eleanor (1590-1652). **Oxford Dictionary of National Biography**. Disponível em: [<https://doi.org/10.1093/ref:odnb/7233>]. Acesso em: 5 ago. 2021.

WINSTANLEY, Gerrard. The Law of Freedom in a Platform: Or, True Magistracy Restored, 1652. In: CORNS, Thomas N.; HUGHES, Ann; LOEWENSTEIN, David (Eds.). **The Complete Works of Gerrard Winstanley**. Vol. II. Oxford: Oxford University Press, 2009. p. 278-404.

WINSTANLEY, Gerrard. England's Spirit Unfouled. Or an Incouragement to Take the Engagement, 1650a. In: CORNS, Thomas N.; HUGHES, Ann; LOEWENSTEIN, David (Eds.). **The Complete Works of Gerrard Winstanley**. Vol. II. Oxford: Oxford University Press, 2009. p. 161-170.

WINSTANLEY, Gerrard. A vindication of Those, Whose Endeavors is only to Make the Earth a Common Tresury, called Diggers, 1650b. In: CORNS, Thomas N.; HUGHES, Ann; LOEWENSTEIN, David (Eds.). **The Complete Works of Gerrard Winstanley**. Vol. II. Oxford: Oxford University Press, 2009. p. 235-242.

WINSTANLEY, Gerrard. An Humble Request to the Ministers of both Universities, and to All Lawyers in Every Inns-a-Court, 1650c. In: CORNS, Thomas N.; HUGHES, Ann; LOEWENSTEIN, David (Eds.). **The Complete Works of Gerrard Winstanley**. Vol. II. Oxford: Oxford University Press, 2009. p. 255-277.

WINSTANLEY, Gerrard. The New Law of Righteousness, 1649a. In: CORNS, Thomas N.; HUGHES, Ann; LOEWENSTEIN, David (Eds.). **The Complete Works of Gerrard Winstanley**. Vol. I. Oxford: Oxford University Press, 2009. p.472-600.

WINSTANLEY, Gerrard. A Declaration to the Powers of England, 1649b. In: CORNS, Thomas N.; HUGHES, Ann; LOEWENSTEIN, David (Eds.). **The Complete Works of Gerrard Winstanley**. Vol. I. Oxford: Oxford University Press, 2009. p. 1-30.

WINSTANLEY, Gerrard. The Breaking of the Day of God, 1648a. In: CORNS, Thomas N.; HUGHES, Ann; LOEWENSTEIN, David (Eds.). **The Complete Works of Gerrard Winstanley**. Vol. I. Oxford: Oxford University Press, 2009. p. 101-254.

WINSTANLEY, Gerrard. The Saints Paradise: or, The Fathers Teaching the Only Satisfaction to Waiting Souls, 1648b. In: CORNS, Thomas N.; HUGHES, Ann; LOEWENSTEIN, David (Eds.). **The Complete Works of Gerrard Winstanley**. Vol. I. Oxford: Oxford University Press, 2009. p. 313-407.